

**EDUCAÇÃO COMPARADA: A NECESSIDADE DO
INTERCÂMBIO NA EDUCAÇÃO
(ENTREVISTA COM O PROFESSOR MICHEL DEBEAUVAIS)**

Em que medida a Educação Comparada pode contribuir na busca de soluções dos problemas dos sistemas educacionais de países em desenvolvimento é um das questões que se coloca neste momento em que recrudescer o interesse dos educadores por essa área de estudo.

No ensejo da realização do II Seminário Nacional de Educação Comparada, **Em Aberto** uniu-se aos comparatistas brasileiros para ouvir um dos maiores especialistas mundiais no assunto, o prof. Michel Debeauvais, convidado a vir ao Brasil pela Sociedade Brasileira de Educação Comparada.

Participaram desta entrevista os professores José Maria Coutinho, da Universidade Federal do Espírito Santo, Clélia de Freitas Capanema, da Universidade de Brasília, Fátima Cunha Ferreira Pinto, da Universidade Federal Fluminense e Maria Luíza Barbosa Chaves, da Universidade Federal do Ceará, a quem agradecemos a colaboração.

Prof. José Maria Coutinho — Que avanços teóricos e metodológicos alcançou a Educação Comparada na última década?

Prof. Debeauvais — Acredito que haja, atualmente, um interesse crescente em relação aos problemas do Terceiro Mundo.

A partir do Congresso de Londres, realizado em 1977, a Associação Francófona, que conta com um número significativo de membros de países do Terceiro Mundo, organizou um grupo de trabalho especial, visando elaborar métodos que favorecessem e difundissem as atividades da Educação Comparada nestes países.

A conclusão a que chegou esse grupo de trabalho efetivou-se em uma resolução, posteriormente submetida e aprovada no Congresso Mundial de Londres. A recomendação foi para que todas as associações dessem uma maior atenção aos problemas da educação no Terceiro Mundo e favorecessem, também, a participação de especialistas desse grupo de países nas suas reuniões, antes que as associações pudessem neles serem implantadas.

Esse mesmo movimento verificou-se no Congresso do Japão, realizado em Tóquio, em 1980, onde foi aprovada a realização do Congresso Mundial, em Monterrey, no México. Embora esse Congresso tenha sido um fracasso, foi aceitável, haja vista as condições para a realização de um congresso em um país do Terceiro Mundo.

Também a Associação Européia de Educação Comparada, da qual sou membro, criou, há seis anos, de uma maneira quase regular, uma comissão para discutir problemas da educação do Terceiro Mundo, a partir da iniciativa da Associação Francófona de Educação Comparada.

A Associação Francófona é assim chamada não por difundir o idioma francês, mas porque seu idioma de trabalho é o francês. Apesar disso, mais da metade de seus membros são provenientes de países estrangeiros e de países não-francófonos, como a Inglaterra, Estados Unidos e Alemanha. E a vantagem é que aproveitamos a situação de Paris, como lugar da Educação Comparada de fato, para as suas reuniões, das quais participam especialistas estrangeiros.

O tema do Congresso Mundial de Paris foi, obviamente, uma iniciativa significativa, de interesse dos comparatistas. Isso é algo novo, pois a tradição da Educação Comparada era a de especializar-se em educação dos grandes países do mundo — os sistemas e modelos de países como os Estados Unidos, Inglaterra, França, Alemanha e União Soviética —

sem preocupar-se com os problemas dos países do Terceiro Mundo.

Creio que a proposição de se realizar o 6º Congresso Mundial no Brasil reflete, também, o desejo de se levar mais em conta os problemas da educação nos países do Terceiro Mundo. Esse é um tema que, no meu entender, apresenta um desenvolvimento ainda incipiente, o qual, espero, continue, como também espero, que o Congresso do Brasil marque um sensível progresso nesse sentido.

Desse modo, parece-me que o que tem que ser feito é que os países membros do Terceiro Mundo focalizem, em suas pesquisas, temas relativos a seus problemas educacionais, ao invés de basearem-se somente em estudos feitos a partir de países industrializados.

Um tema interessante que poderia ser objeto de análise é o decréscimo dos estudos de Pedagogia Comparada, que foi um ramo tradicional e, quem sabe, o primeiro ramo, a primeira área de estudos comparativos, e que agora diluiu-se na Pedagogia em geral. Na minha opinião, esse declínio da Pedagogia Comparada deve-se aos progressos das Ciências Sociais, assim como de todos os fatos de que a Pedagogia está investida. Por um lado, temos os psicólogos e os especialistas do currículo, ao que chamo Pedagogia Científica, e, por outro, as Ciências Sociais, como a Sociologia, a Economia, o Planejamento etc, que não levam em conta a Pedagogia.

Acredito que isso ocorra em todos os países e parece-me um fato já bastante significativo o contínuo desaparecimento da palavra "pedagogia". Somente na Alemanha, no meu entender, ainda existem pessoas que conscientemente intitulam-se pedagogos. No meu Departamento, por exemplo, na França, existe um grupo muito competente de especialistas em dinâmica de grupo — o que eu chamo Pedagogia Não-diretiva — com ramificações significativas de tendências divergentes, mas nenhum deles considera-se pedagogo. Preferem intitular-se "institucionalistas", psicossociólogos etc, precisamente para evitar mencionar a palavra pedagogia. Ao mesmo tempo, temos também, por exemplo, cerca de noventa cursos ministrados pelo nosso Departamento de Pe-

dagogia. Significativamente, nenhum deles faz menção à palavra pedagogia.

Nesse campo, uma tendência recente tem sido a crescente preocupação com os problemas da metodologia de comparação. No Congresso de Paris, por exemplo, a Comissão que trata de Teoria e Métodos da Educação Comparada foi uma das mais bem preparadas, contando com uma freqüência máxima de participantes.

Um outro fato que desperta minha atenção é o desenvolvimento, em todos os países, de pedagogias não-diretivas, semidiretivas, abertas etc, e a atração que essas ramificações exercem sobre muitos educadores. Infelizmente, a nível internacional, não há comunicação entre esses grupos. E apesar de termos nos esforçado para formar, no Congresso de Paris, uma comissão que tratasse de problemas de Pedagogia relacionados com problemas de dependência e interdependência, a nível de relações pessoais, não obtivemos êxito. Isto porque houve dominação por parte dos franceses, do idioma francês, e comunicação das várias correntes. No entanto, não deixamos de conseguir um pequeno avanço.

Devemos considerar, também, que a maioria dos estudos comparativos se faz fora da especialidade da Educação Comparada. E o meu esforço é para abrir suas portas e janelas a todos — não só aos que se interessam pela comparação ou mudanças internacionais, em matéria de Educação, mas também aos especialistas das Ciências Sociais e Humanas, que focalizam e estudam problemas relacionados direta ou indiretamente com os problemas internacionais. E isto é o que precisa ser feito.

Seria um tema interessante para a preparação do Congresso do Brasil.

Profa. Clélia de Freitas Capanema — Especificamente, qual o enfoque privilegiado pelos comparatistas, nesta década, na investigação dos problemas educacionais com que se defrontam o mundo desenvolvido e o mundo em desenvolvimento?

Prof. Debeauvais — Parece-me muito difícil fazer qualquer asseveração em matéria de Educação Comparada. A única fonte de informação viável são as revistas e estas são muito poucas.

Existe a revista *The Comparative Education Review* nos Estados Unidos; na Inglaterra, existem duas: *The Comparative Education* e *Compare*; a Associação Francófona possui uma, *Education Comparée*, além de outras que dedicam uma parte importante de seus artigos a problemas da educação a nível internacional.

Na América Latina, por exemplo, a revista do Centro Educativo do México, que se chama *Revista de Estudios Educativos*, é uma revista que pode refletir, também, tais interesses. Há ainda a revista *Perspectivas*, da UNESCO, a revista de Hamburgo, que se chama *International Review of Education* e, em francês, *Revue Internationale de Pédagogie*.

Existem outras revistas que publicam artigos importantes sobre Educação no estrangeiro. Porém, é difícil dar uma idéia global.

No meu entender, há uma predominância de monografias assistemáticas, resultantes de alguma especialização em Educação feita por algum professor em outro país. E isto, apenas em um ou dois países do estrangeiro que publicam alguma coisa sobre Educação.

Mas isso não é sistemático, e, na minha opinião, a parte metodológica comparativa ainda é deficiente. E a parte dos teóricos que se interessa pela metodologia, não ilustra suas teorias com exemplos. Assim, não quer dizer que exista um vazio, mas a relação deveria ser mais específica.

Há, também, uma corrente que me interessa particularmente, a qual denomino Educação Comparada Quantitativa, relacionada com o Planejamento, uma vez que este utiliza, de maneira sistemática, comparações internacionais.

Existe uma outra corrente de Educação Comparada, do tipo aplicada, que se desenvolve em instituições como o Instituto Internacional de Planejamento da Educação, ou, na Universidade de Sussex, o grupo de *International Development Studies* (IDS), com interesse em problemas da Educação, ainda que seja apenas uma pequena parte de seus interesses. Há outros grupos, como o de Stanford obviamente, mas até esta

data ainda não se relacionaram diretamente com o grupo de Educação Comparada.

Estamos num processo de transformação de um pequeno grupo de associações, do tipo profissional, que reuniam os especialistas, ministrando cursos de Educação Comparada, com o objetivo de oferecer-lhes uma concepção mais ampla.

Porém a iniciativa deve partir dos grupos de Educação Comparada, que não devem esperar que os outros venham, simplesmente, sem o seu esforço em especial.

Profa. Fátima Cunha Ferreira Pinto — Professor, tendo em vista suas colocações, em que medida o senhor acredita que a Educação Comparada tem contribuído para as reformas educacionais, reformas significativas, tanto no mundo desenvolvido quanto no mundo subdesenvolvido, principalmente nesta última década?

Prof. Debeauvais — Acredito que foi a ação e os estudos de organizações internacionais que contribuíram, de uma maneira significativa, para os processos de reforma. Também teríamos que pesquisar que modelos as organizações internacionais elegeram como prioritários; se foi o modelo dos Estados Unidos, ou o da Suécia, que teve um papel de destaque na Europa durante mais de uma década, ou o modelo japonês. Porém as organizações internacionais têm publicado muito e as reuniões de especialistas dessas associações têm procurado desempenhar um papel muito importante, ao meu ver, para a propagação de idéias.

Ao nível dos especialistas, não me parece que a cooperação internacional tenha tido um papel importante neste sentido. Há exemplos muito raros de especialistas que contribuíram para a realização real de reformas. Tivemos a Comissão de Educação da Índia, onde cinco especialistas de alto nível participaram das discussões com dirigentes indianos, mas a iniciativa foi indiana e a influência dos outros foi irrelevante.

Parece-me que a Educação Comparada, por si mesma, como disciplina acadêmica, tem contribuído muito pouco até esta data, salvo a título

individual, quando certos professores de Educação Comparada tornaram-se especialistas ou ajudaram as associações e as organizações internacionais. Foi o caso de Lawrence que, desde o início, quando diretor encarregado da Educação Comparada no Instituto de Educação da Universidade de Londres, foi consultor da UNESCO* e lançou também o *International Yearbook of Education*, que tem desempenhado um importante papel. Também nós, como consultores da UNESCO ou do BIE**, em Genebra, ou da OCDE***, temos contribuído de alguma maneira, porém muito pouco. E, no meu caso, por exemplo, não estou dando cursos em Educação Comparada, pois estou envolvido em programas como consultor, como especialista em vários países. Atualmente, estou me especializando em Educação Comparada, mas a partir de outras especialidades como Economia, Economia da Educação, Planejamento Educacional; como consultor, atuo em organizações internacionais como UNESCO, OIT****, OCDE. E acredito que este seja o caso de quase todos. Não há um desafio para a Educação Comparada, pois este seria o de aumentar o papel de seus estudos para ajudar nas mudanças no sistema educacional, o que é o desejo da maioria dos especialistas.

Profa. Maria Luiza Barbosa Chaves — Qual é, precisamente, o papel das sociedades internacionais, nacionais e regionais no desenvolvimento da Educação Comparada? Têm estas sociedades correspondido às expectativas deste desenvolvimento?

Prof. Debeauvais — Bem, as sociedades são muito diferentes umas das outras. Há as associações fortes, que são as do EUA, Canadá, Japão, e talvez Coréia, ainda que seja muito difícil saber o que fazem porque não lemos coreano... No caso das outras, existe alguns professores em cada país que constituíram um grupo especial dentro de uma associação maior. É o caso da Alemanha, onde há uma Associação de Ciências da Educação, com uma seção de Educação Comparada, o que acontece também em outros países. Mas são grupos bem reduzidos. Há uma discussão em muitas sociedades no sentido de abri-las a outras pessoas que não sejam especialistas. Em nosso caso, na Associação Francófona, tomamos, desde o início, uma posição de abertura, o que era fácil porque não havia professor de Educação Comparada na França. Isto facilitou nossa posição. Em outras sociedades, houve uma resistência a essa abertura, mas pouco a pouco ela foi diminuindo. O caso da Associação Britânica é notável, a mudança é completa. Mas é mais um desejo de abertura do que propriamente uma realidade. E creio que, para o futuro, as perspectivas são de favorecer esta mudança de uma maneira dinâmica, convidando, por exemplo, pesquisadores de outras especialidades que tenham interesse e os responsáveis pela tomada de decisão a participarem em debates bem preparados e demonstrados, pela prática, pela produção de pesquisa, que a Educação Comparada pode servir à reflexão e ao aprofundamento desses temas.

* UNESCO — Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura.

** BIE — Bureau International d'Education

*** OCDE — Organização de Cooperação e Desenvolvimento Econômico

**** OIT — Organização Internacional do Trabalho.